

Acerto abre possibilidades novas de financiamento

por Luís Leonel
de São Paulo

Para o setor de máquinas industriais, o acerto de um acordo em princípio com os credores privados abre a possibilidade de reverter uma situação de queda de vendas seguidas, que ocorre desde 1989. Sem investimentos novos na área industrial, devido à crise econômica, os fabricantes de máquinas viram o faturamento do setor cair de US\$ 20,6 bilhões em 1989 para US\$ 15,6 bilhões no ano passado.

Acredita que o esboço de acordo permitirá a volta de dinheiro novo, para financiar investimentos na forma de empréstimos e de investimentos diretos. Além disso, as linhas de financiamento para exportação e importação podem dinamizar a economia nacional.

Uma das primeiras consequências seria a abertura de novas fontes de financiamento para investimentos, fora do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES). Os investidores poderiam buscar esse investimento onde fosse mais vantajoso para eles. As linhas do Finaime, que hoje abrangem 50% do valor do bem a ser financiado, segundo Michelin, poderiam ser aumentadas para até 80%.

A Abimaq exportou no ano passado US\$ 2 bilhões e planejava fechar este ano com vendas externas do mesmo valor. Com o acordo, e a abertura de novas linhas de financiamento, as exportações podem chegar a US\$ 3 bilhões, avalia o presidente da entidade.

Para muitos empresários, o acordo em princípio da dívida externa brasileira com os bancos credores privados é um sinal de que a economia deve voltar a se reaquecer. Pedro Armando Eberhardt, entrevistado pela repórter Helena Cristina Coelho, ex-presidente da Associação Brasileira da Indústria de Autopeças (Abipeças) e presidente da Arteb, empresa que fabrica faróis, lanternas, travas de direção, peças plásticas, espelhos e vidros, prevê a recuperação do desempenho do setor no segundo semestre deste ano, principalmente em função dos resultados do acordo setorial da indústria automobilística, renovado no início deste mês. Além disso, ele acredita que o esboço do acordo da dívida externa vai trazer tranquilidade ao gover-

no, que passará a olhar mais para os problemas internos. "Devemos estancar a recessão", sentencia.

Já Oded Grajew, presidente da Associação Brasileira dos Fabricantes de Brinquedos (Abrinq), prefere ser mais cauteloso em sua opinião. A expectativa de Grajew é de que a necessidade do governo brasileiro de recuperar a credibilidade não o tenha feito assinar um mau acordo em princípio.

O presidente da Copersucar, João Guilherme Sabino Ometto, acredita que o acordo em princípio alcançado pelo Brasil foi o melhor possível, em alguns pontos chegando a superar os firmados pela Argentina e México, segundo declarou à repórter Rosa Webster.

No seu entender, a situação anterior do Brasil chegava a ser inconcebível para um país carente de investimentos e tecnologia vindos de fora. "O mercado brasileiro ficava retido por uma espécie de dique, que não permitia o fluir de verbas e investimentos do exterior para as nossas empresas", compara o presidente da Copersucar.

A assinatura do acordo com o FMI rompeu esse dique e melhorou a própria imagem do País junto à comunidade econômica mundial:

"O Brasil passa a ser uma opção competitiva para receber investimentos estrangeiros", observa o presidente da Associação Brasileira da Indústria de Computadores e Periféricos (Abicomp), Carlos Rocha.

Rocha acredita que o País passa a receber a atenção de investidores com estratégia de longo prazo, e não apenas os recursos dos que já estavam habituados com a turbulência da vida econômica brasileira e vinham mantendo seus investimentos no curto e médio prazos.

O presidente da Abicomp diz que o esboço de acordo também terá efeitos positivos no setor de informática, que já havia se beneficiado do capital estrangeiro com fim da reserva de mercado e a formação de "joint ventures". "Mas", ressalva Rocha, "para que se consiga um real crescimento é preciso tomar medidas complementares, que a simples assinatura do acordo não pode abranger".